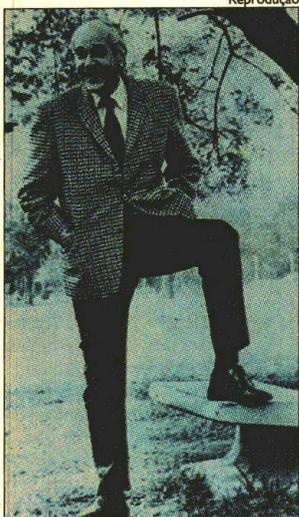


Mapa do Plano Piloto elaborado por Lúcio Costa

Tempos de inquietação

O professor e crítico Rogério Costa Rodrigues relembra a experiência do Clube de Cinema, que tinha sessões na Escola Parque



Paulo Emílio Salles Gomes animou as sessões de cinema na Escola Parque

Houve um tempo em que os sonhos dos estudantes eram embalados pelas imagens cruas do cinema de Glauber Rocha, pela ironia fina de Truffaut, pela subversão de Godard. Uma época em que se estava interessado em discutir os rumos da política brasileira, em falar de liberdade, de igualdade social. Foram três anos que ficaram na história. De 1966 a 1969, Brasília conheceu o Clube de Cinema, que funcionava no auditório da Escola Parque da 507 sul, um lugar que exibiu todos os principais filmes do Cinema Novo, que acolheu mostras de cinema europeu e asiático, realizou encontros de cineclubistas do País. Tudo isto, em plena ditadura militar.

O Clube de Cinema formou a cabeça da primeira geração de Brasília. Seguiu os passos do mestre Paulo Emílio Salles Gomes, uma das mais importantes cabeças da recém-criada Universidade de Brasília. Paulo Emílio estava interessado em estender as atividades acadêmicas a toda a comunidade e, desde 1962, organizava mostras de filmes de arte na Escola Parque. Foi ele o responsável pela exibição, na jovem Brasília, de todos os filmes de Chaplin, de Jean Vigo, dos clássicos norte-americanos, do novo cinema nacional. Antes da projeção, o mestre fazia uma palestra curta, situando o filme e o diretor para a plateia. Mas Paulo Emílio começou a sofrer toda sorte de perseguições e deixou a UnB e a cidade.

Só que a semente já estava plantada e três jovens - Geraldo Sobral, Walter Mello e Rogério Costa Rodrigues - tomaram para si a tarefa de continuar o trabalho do mestre. Passaram a fazer contatos com embaixadas, com os Museus de Arte Moderna do Rio e de São Paulo, com o cinema Paissandu, com a distribuidora franco-brasileira e fundaram o Clube de Cinema de Brasília. A exemplo de Paulo Emílio, cada sessão era precedida de palestras explicativas para incentivar o público a pensar cinema, a conhecer a linguagem. Depois da exibição, abria-se espaço para o debate.

A atividade do Clube de Cinema foi essencial para a transformação da W3 sul em pólo de criatividade, de formação, de inquietação. Naquele período,

o Plano Piloto tinha duas salas de cinema, o Brasília (dedicado a exibir as comédias e musicais nacionais) e o Cine Cultura (que tinha uma programação mais comercial). O Clube, então, ocupava o espaço dedicado ao cinema de arte. Foi ele quem exibiu pela primeira vez na cidade os maiores títulos do Cinema Novo, da Nouvelle Vague de François Truffaut, a filmografia inquietante de Jean-Luc Godard, os grandes filmes do Realismo Italiano, o cinema iraniano, o polonês, o russo. "Exibíamos o que não era lançado aqui", adianta o professor Rogério Costa Rodrigues. "A gente tinha um movimento enorme, tinha público para qualquer noite da semana".

Em finais da década de 60, tudo ainda era esqueleto em Brasília. O Teatro Nacional não estava pronto e o pequeno auditório da Escola Parque recebia companhias de prestígio. O Clube de Cinema disputava a pauta do lugar com peças de nomes consagrados como Tônia Carrero. "Aquele auditório centralizava a vida cultural da cidade", diz Rogério. "Mas em 69 as coisas foram ficando muito difíceis. Pelo tipo de filme que exibíamos, com ciclos que criticavam a ditadura, a censura começou a se tornar mais violenta e nós fomos obrigados a parar. Um francês que eu não me lembro do nome continuou por um tempo exibindo filmes ali e nos anos 70, o José Damata começou a realizar sessões, mas já com outro espírito".

Durante a curta existência do Clube de Cinema, a Escola Parque era ponto obrigatório de toda a vida intelectual de Brasília, segundo relembra Rogério: "Foi uma atividade pioneira. Quase nenhuma grande cidade brasileira tinha



Rogério Costa Rodrigues: "O perfil de Brasília mudou muito, principalmente depois que surgiram os shoppings. Isso empobrecceu a vida cultural da cidade"

um cinema com aquelas características. A gente conseguia oferecer um repertório muito grande para as pessoas. Foi a experiência mais fascinante que tive, o que me deu mais prazer na vida".

Durante quatro dias por mês, a Fundação Cultural do DF cedia o pequeno Cine Cultura aos programadores do Clube de Cinema. Eram os momentos de glória. "Aquele cinema tinha uma projeção e um som maravilhosos. Mas frequentemente, só passava porcas. Então, nós aproveitávamos estas oportunidades para exibir o que havia de melhor", explica o professor. "Havia uma efervescência, uma inquietação na juventude que não se observa hoje. Daquela época para cá, o perfil de Brasília mudou muito. Principalmente depois

que surgiram os shoppings. Muita gente que não era dada ao consumo, hoje freqüenta estes templos de consumo. Isso empobrecceu demais a vida cultural da cidade. Não se pode mais ir a pé ao cinema e, na saída, visitar uma exposição, discutir o filme numa praça. Desvirtuou-se demais o plano original da cidade e o que se observa é uma divisão por castas sociais. Por exemplo: os filmes de arte hoje são exibidos na Academia de Tênis... Quem, a não ser aqueles que têm dinheiro para comprar um carro, consegue chegar até lá? Onde estão os estudantes? O mundo virou só uma extensão da televisão."

CARMEM MORETZSOHN
Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

A via W-3, inspirada na tradição das pequenas e médias cidades europeias, — onde acaba a cidade começa o agrião —, de um lado serviços, do outro horta e pomar, foi alterada no próprio desenvolvimento do plano, mantendo-se contudo amplo desafio visual das quadras residenciais. A ligação antecipada da W3 norte com a sul trará consequências e está a exigir certa cautela.

Lúcio Costa, em texto escrito em 1976, extraído do livro *Lúcio Costa: Registro de uma Vivência*